

Juventude.br é uma publicação do
**Centro de Estudos e Memória da
Juventude – CEMJ**

Rua Treze de Maio, 1016 - conj. 2
Bela Vista São Paulo - SP – CEP 01327-000
cemj@cemj.org.br www.cemj.org.br

Editor: Fábio Palácio de Azevedo

Capa e diagramação: Cláudio Gonzalez

Assessoria editorial: Brenda Espíndula e
Fernando Garcia

Preparação e revisão de originais: Fábio
Palácio de Azevedo

Tiragem: 5.000 exemplares

CONSELHO CONSULTIVO DO CEMJ:

Alessandro Lutfy Ponce de Leon, Arthur
José Poerner, Augusto Buonicore, Fabiano
de Souza Lima, José Carlos Ruy, Mary Castro,
Natividade Guerrero Borrego, Regina Novaes.

DIRETORIA DO CEMJ:

Presidente

Fabiana Costa

Diretor de Planejamento e Patrimônio-

Rovilson Portela

Secretário Geral

Augusto Vasconcelos

Diretora de Estudos e Pesquisas

Brenda Spíndula

Diretor de Memória

Fernando Garcia

Diretor de Cultura

Carolina Maria Ruy

Diretor de Comunicação

Vandré Fernandes

Diretor de Atividades Educativas e

Esportivas

Alexandre Rosa

A revista **juventude.br** aceita colaborações que
lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a
critério da editoria e do Conselho Consultivo do
CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um
artigo não implica em compromisso da revista ou
do CEMJ com seu conteúdo. As opiniões emitidas
são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os
artigos enviados não devem exceder 20 laudas
de 1.400 caracteres com espaços. Artigos maiores
dependerão de acerto prévio com o editor. Os
artigos devem ser enviados no programa Word
for Windows e os originais não serão devolvidos.
Citações devem seguir as normas da Associação
Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Juventude e cultura são dois temas que têm dado o que falar. Recentemente, quando da realização da 28ª Bienal Internacional de São Paulo, a prisão da jovem Caroline Piveta da Mota, de 23 anos, acendeu um importante debate sobre a relação entre os meios simbólicos e as formas de expressão da juventude.

Caroline foi uma das 40 pessoas da gangue “Susto’s” que, no último dia 26 de outubro, atacou com tinta spray um compartimento desocupado do prédio da Bienal, deliberadamente destinado à reflexão sobre o “vazio”. A jovem ficou encarcerada por 55 dias. Na denúncia do Ministério Público do Estado de São Paulo, Caroline foi enquadrada no artigo 62 da Lei de Crimes Ambientais (destruição de patrimônio cultural), acusada de se associar a “milicianos” com fins de “destruir as dependências do prédio” da Bienal.

Segundo o pichador conhecido como Pixobomb, líder da ação, “Eles diziam ser um espaço interativo. Rolou de algumas pessoas entrarem lá para discutir arte contemporânea. O cara que ficou pelado estava integrado com o sistema. Para a gente não é assim. A arte tem que ser livre”, declarou o pichador, referindo-se a Maurício Ianês, artista que realizou a performance “A bondade de estranhos”, na qual andava nu pelo prédio da Bienal.

É curioso que a prisão de Caroline tenha sido acionada por uma instituição notoriamente referenciada na defesa da “liberdade de expressão estética”. Mais curioso ainda é que tudo isso tenha se dado em um evento que tinha como título “Em vivo contato”.

O ato de intolerância perpetrado contra Caroline chegou a render uma nota antológica do Ministério da Cultura, cujo conteúdo revela forte ligação com o tema desta revista. No comunicado, o Ministro Juca Ferreira afirma:

Temos buscado o diálogo constante com grupos jovens dos centros urbanos e das periferias das grandes cidades por acreditar que esta é a forma mais eficaz e duradoura de combater os impulsos violentos que são gerados em meio à desagregação reinante em muitos ambientes de fragilidade sócio-cultural (...) Contudo cremos que a agressividade simbólica aparece como “alternativa” a estes jovens submetidos a um cotidiano de violência, e ela é a “compensação cultural” por vezes ao seu alcance para fugir do crime ou da marginalidade. Desde muito essas populações têm suas formas de expressão e de linguagem enquadradas como atos de violência e desrespeito, como foram as rodas de capoeira no passado (...) Não podemos esquecer que a cultura toma caminhos que fogem do padrão estabelecido para expressar conteúdos latentes nas formações sociais emergentes

Como revela o teor da nota supracitada, o episódio da prisão de Caroline revela a hipocrisia que ronda o mundo da assim chamada “alta cultura”. Nele, a defesa de uma “liberdade artística” em abstrato desconsidera rotundamente as contradições do mundo real. Ignorasse, assim, o fato de que a verdadeira “liberdade artística” não poderá existir senão em um mundo onde haja liberdade de fato para todos, e não apenas para uma minoria de pessoas “cultas”, única detentora da imensa maioria das riquezas, do poder político e do acesso aos bens culturais.

É assim que, por trás do discurso da mais irrestrita “liberdade de expressão”, esconde-se, muitas vezes, o fato de que essa liberdade só

Por trás do discurso da mais irrestrita “liberdade de expressão”, esconde-se, muitas vezes, o fato de que essa liberdade só é realmente irrestrita para aqueles que fazem parte do establishment cultural.

é realmente irrestrita para aqueles que fazem parte do *establishment* cultural - aquilo que filósofos, sociólogos e historiadores costumam chamar de “cultura erudita”. Para a imensa maioria das pessoas excluídas social, econômica, educacional e culturalmente, sobram as praças, muros e ruas de nossas cidades, hoje ocupadas por uma versão urbano-industrial daquilo que no passado se chamava de “saltimbancos” - artistas populares excluídos da vida palaciana e da cultura da nobreza, que andavam pelas ruas apresentando atrações circenses, pictóricas, teatrais e - como no caso dos trovadores - poéticas e musicais.

É essa realidade “bipartida” que continua a marcar o mundo da cultura em nossos dias, originando, ao lado da cultura “oficial”, um outro tipo de atividade simbólica - a cultura do povo. Uma cultura “vadia, ai-rada, cheia de estórias estapafúrdias, graves, trágicas e cômicas, [que apresenta] valores sob outros ângulos...”, como afirma nesta edição de *Juventude.br* o jornalista Fábio Palácio de Azevedo, citando o genial folclorista brasileiro Câmara Cascudo. Ainda segundo Palácio, somente “em um mundo onde todos tenham iguais possibilidades de acesso aos bens culturais, tanto como produtores quanto como receptores”, deixará “de fazer sentido a distinção entre cultura popular e cultura erudita”.

É buscando refletir sobre esses temas que *Juventude.br* apresenta nas páginas que se seguem o dossiê *Juventude e Cultura Popular*. Nele o leitor encontrará textos e imagens que buscam empreender uma reflexão *geral*, de cunho filosófico, sobre o assunto. Uma reflexão centrada não apenas em temas políticos ou conjunturais, mas que busca, para além disso, uma elaboração teórica, capaz de ampliar o raio de visão do leitor sobre a cultura em sua relação com a temática da condição juvenil. O sentido mais amplo de nossa preocupação é muito bem expresso pelo filósofo Paulo Denisar Fraga, que já na introdução de seu artigo afirma:

Para se compreender a relevância da relação entre a juventude e a cultura, não basta tomar esse tema de forma externa, ou dizer, simplesmente, que a juventude é uma das mais contundentes portadoras das variadas expressões da cultura. Para além disso, o importante é tentar apreender, ainda que de forma geral, o binômio juventude-cultura na sua imanência interna, ou seja, na própria compreensão do modo de ser da juventude na sociedade moderno-contemporânea (ou tardo-capitalista).

De fato, um dos principais compromissos desta edição de *Juventude.br* é o de mostrar de que forma noções antropológicas de largo poder explanatório



Di Cavalcanti (sem título), 1925 gráfito e aquarela s/ papel

- a exemplo do conceito de cultura popular - podem contribuir para o entendimento da juventude como um modo de ser específico, com características que o singularizam face a outros segmentos da sociedade contemporânea. Algo que surge claro na contribuição de Isaac Alexandre da Silva, para quem “o significado da condição juvenil tem a ver diretamente com o mundo cultural no qual os jovens vivenciam as suas experiências”.

Com esta sexta edição de *Juventude.br* esperamos, ainda, nos colocar em sintonia com eventos como a 6º Bienal de Cultura da União Nacional de Estudantes, espaço cultural de suma importância para a juventude estudantil brasileira. Como comenta em entrevista nesta edição o coordenador-geral do Circuito Universitário de Cultura e Arte (braço cultural da União Nacional dos Estudantes), Alexandre Santini, a Bienal terá lugar entre os dias 20 e 25 de janeiro na cidade de Salvador (BA), sob o lema “Raízes do Brasil: formação e sentido do povo brasileiro”.

Reconhecendo que a chave “Juventude e cultura popular” não esgota em todas as suas possibilidades o tema das relações entre juventude e cultura, encerramos esta mensagem aos leitores com o compromisso de retornar ao tema outras vezes, através de novas e igualmente instigantes abordagens. Aproveitamos para convidar os próprios leitores, muitos deles sabidamente estudiosos da temática da juventude, a colaborar com este esforço de reflexão, por meio do qual desejamos, dentre outras coisas, amplificar o entendimento de que o caráter rebelde e irrequieto da juventude está longe de representar uma “ameaça” à cena cultural, muito pelo contrário. Uma compreensão que, infelizmente, ainda parece passar ao largo de uma certa *intelligentzia*. ●